Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante Cúpula do G8

São Petersburgo – Rússia, 16 de julho de 2006

Presidente: Bem, vocês acompanharam, desde o final do ano passado, a tentativa que o Brasil vinha fazendo para que as negociações na OMC tivessem uma decisão política por parte dos principais líderes dos países do mundo, porque nós tínhamos chegado à conclusão que, no nível dos negociadores, a situação estava complicada, porque não avançava mais. Eu falei várias vezes, por telefone, com vários presidentes, com vários primeiros-ministros. Essa reunião aqui é uma novidade muito boa, porque não estava previsto discutir a OMC e, agora, está previsto fazer a discussão da OMC.

Eu, particularmente, estou convencido que se não houver uma decisão política dos presidentes e dos primeiros-ministros, dificilmente nós teremos acordo. O problema não é mais econômico, o problema é político, todo mundo sabe o que está em jogo neste momento. Todo mundo sabe que a União Européia precisa facilitar o acesso ao mercado agrícola, aos produtos agrícolas, todo mundo sabe que os Estados Unidos precisam reduzir os subsídios internos e todo mundo sabe que os países em desenvolvimento precisam fazer a flexibilização no setor industrial e no setor de serviços. Tudo isso proporcional à economia de cada país, porque em termos de agricultura, um país africano tem 75% da sua força de trabalho no campo, na Europa você tem país que tem 2%, então é preciso que haja esse entendimento.

E por que os dirigentes têm que tomar posição? Porque, como o problema é político, não é mais econômico, é preciso que as pessoas não se preocupem apenas com o público interno de cada país, ou na questão dos eleitores. Nós precisamos ter em conta que desse acordo, quem precisa sair ganhando são os países mais pobres. E eu digo sempre que, sobretudo nos

países da África é onde predomina o maior grau de pobreza, hoje, no mundo.

Nós fizemos uma reunião, agora, com o presidente da China, com o primeiro-ministro da Índia, com o presidente do México, com o presidente da África do Sul, com o presidente da República do Congo, aprovamos o documento que vai ser apresentado amanhã, junto à Cúpula do G-8.

E eu quero dizer para vocês que continuo otimista de que é possível que as pessoas compreendam que se nós quisermos cumprir as Metas do Milênio, determinada pelos próprios países na ONU, se nós quisermos acabar com o terrorismo, se nós quisermos combater a fome, diminuir a miséria no mundo, nós precisamos tomar uma decisão agora. Se não tomarmos agora, essa decisão poderá atrasar o desenvolvimento dos países mais pobres em mais 20 ou 30 anos.

Também, fiz questão de apresentar para todos os presidentes, e apresentarei amanhã, para a Cúpula do G-8, o nosso programa de biodiesel, o H-Bio e o etanol. Primeiro, porque nós estamos convencidos que o Brasil, no caso do etanol, tem tecnologia, tem experiência de 30 anos, e temos o Flex sendo vendido no Brasil, sendo utilizado a contento. Ou seja, ninguém pode dizer que o carro tem algum problema porque 75% dos carros vendidos, no mercado interno brasileiro, são carros que podem funcionar a gasolina e a álcool misturados.

E, como todos os países são signatários do Protocolo de Quioto, é preciso que a gente convença a eles que nós temos que cumprir aquilo que assinamos. Se assinamos o Protocolo de Quioto, precisamos poluir menos o planeta, usar, como nós utilizamos, o etanol, ou fazer a mistura na gasolina, é uma boa política para que a gente possa preservar o planeta.

Segundo, a questão do biodiesel, que além de ser menos poluente, de ser renovável, ele é uma fonte energética geradora de muitos empregos. Nós vamos discutir com a certeza de que poderemos sensibilizar os presidentes dos países ricos a tomarem uma atitude em defesa dos países mais pobres e

negociar.

O que eu posso dizer para vocês é que o Brasil cumprirá com a sua parte. O Brasil, através do nosso ministro Celso Amorim, tem participado das reuniões e tem dito que o Brasil fará a sua parte. O que nós queremos é que haja um acordo e que a Rodada de Doha não seja um fracasso. Estou à disposição de Vossas Excelências.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, mesmo que fosse mais um dia. Veja, se a Cúpula do G-8 entende que era preciso dar 30 dias para chegar a um acordo, significa que estão querendo fazer um acordo. Esse é um passo importante, porque havia quem dissesse, até ontem, de que não teria flexibilização. E eu estou convencido que seja 30 dias, 20 dias, 10 dias ou 35 dias, nós temos que chegar a um acordo.

A minha tese é que não podemos deixar de fazer o acordo para favorecer os países menos desenvolvidos. É condição *sine qua non* para que a gente possa enfrentar o terrorismo, para que a gente possa enfrentar a pobreza e todos os outros problemas que nós mesmos decidimos, na ONU, para cumprir as Metas do Milênio. Se não fizermos o acordo, as Metas do Milênio não irão ser cumpridas nem até 2015, nem até 2030.

Jornalista: (inaudível) ...a postura do governo foi depois de uma decisão em nível de líderes. Aí está se passando, de novo a bola, mais uma vez... Quer dizer, talvez (...) mas é difícil de acreditar.

Presidente: Veja, quem tem que negociar, na verdade, são os negociadores. O que nós precisamos é dar a ordem de que nós queremos um acordo. Há um documento produzido pelo G-8 e divulgado e é um documento nosso, que

vocês podem divulgar.

Ou seja, amanhã nós vamos confrontar os dois documentos, e é possível que amanhã possa sair alguma coisa diferente. Ou seja, pode sair porque, afinal de contas, nós não representamos pouca gente nessa negociação. É só ver o que representam os países que estiveram na reunião coordenada pelo Brasil, hoje, é só ver o que representa o G-20 que a gente vai perceber que, embora não tenhamos a quantidade de dinheiro que gostaríamos de ter, nós temos a quantidade de gente que eles sabem que tem importância nas negociações.

E, portanto, nós estamos convencidos que a política é importante por isso, é porque as pessoas podem flexibilizar as suas posições se tivermos argumentos convincentes para isso.

Ministro Celso Amorim: Se o Presidente permitir, aqui, só um comentário para a sua pergunta, especificamente. É que os líderes, cada vez, é impressionante, eu digo isso como negociador, eu tenho uma história nisso. Os líderes, cada vez mais, conhecem os detalhes. Então, quando eles estão falando agora, não é a mesma coisa que eles falavam há 3 anos atrás, que podia ser uma coisa retórica, eles sabem do que eles estão falando, quando eles estão dizendo e sabem o que que implica. Claro, que isso, a garantia, os negociadores têm que... não é a garantia só que os negociadores vão precisar, mas não é uma mera retórica, é uma coisa mais específica e muito mais focalizada.

Jornalista: (...) é o seguinte: as propostas da União Européia e dos Estados Unidos apresentadas no G-20 todo mundo conhece, não se chegou a um acordo em torno dela (...) vantagem política que (...). Agora, até onde os países integrantes (...) do G-20, estão negociando e dispostos a abrir maiores concessões para os Estados Unidos e a União Européia (...). Acham que

poderia haver uma flexibilização nesse lado, também?

Presidente: Olhe, quem tem experiência de negociação sabe que em negociação você está sempre com uma carta principal no bolso do colete para você jogá-la nos momentos decisivos. O que nós temos, na verdade? Nós temos uma imagem de um triângulo em que, de um lado nós sabemos que nesse triângulo os europeus precisam facilitar o acesso aos produtos agrícolas; do outro lado, nós temos, na outra parte do triângulo os americanos que precisam reduzir os seus subsídios internos e, do outro lado, temos nós e os outros países como China, Índia, Argentina, México, que precisamos flexibilizar nos setores industriais e no setor de serviço. Você nunca apresenta os números de uma única vez porque, em negociação, cada número que você coloca, você não pode piorá-lo, você só pode melhorá-lo.

Então, nós achamos que na hora que os presidentes disserem aos seus negociadores: "Agora é para valer, vocês vão lá e vão negociar, nós queremos encontrar uma solução", eles vão, cada um, tirar o seu número do colete e vão colocá-lo. E eu posso dizer o seguinte: o Brasil tem o seu número, junto com os outros países, que quer colocar na mesa.

Agora, não vamos colocá-lo primeiro porque, depois, se os outros não colocarem, nós mostramos a nossa carta primeiro. Ou seja, quem negocia sabe disso, vai ter um momento em que os números aparecerão, e eu posso dizer a você que o Brasil tem total decisão de flexibilizar para que tenha um acordo. E é isso que nós queremos convencer os outros líderes.

Jornalista: (...) Presidente Lula, eu gostaria do seguinte, quer dizer, o senhor mencionou que todos os líderes vão ter que fazer uma (...) política que, obviamente, vai ter impacto no seu eleitorado, nos cidadãos do seu país. Nesse caso, o Brasil estaria disposto a apresentar como carta, como (...) o coeficiente 20? E haveria um impacto, por exemplo, do que isso vai

acrescentar, em termos de impostos e tarifas oficiais?

Presidente: Eu vou responder primeiro. Primeiro, se eu tivesse um coeficiente, 20, 30 ou 40, eu não poderia te falar, porque eu estaria colocando o meu número fora da mesa de negociação, não seria prudente à negociação. O Celso perderia o emprego dele e nós entraríamos fragilizados na negociação.

O número que nós temos não é um número tirado da cabeça do presidente, da cabeça do Celso, da cabeça... é um número tirado de muitas pessoas com quem conversamos para construí-lo. E eu penso que nos outros países também será assim. Portanto, na hora que a gente colocar na mesa você vai saber o número. Quer falar sobre a...?

Ministro Celso Amorim: Presidente, eu acho que a essa altura dos acontecimentos, todas essas conversas têm que ser mantidas muito confidenciais, porque senão nós vamos ter...

Jornalista: Algum sinal, Ministro? (...)

Ministro Celso Amorim: Eu estou sempre otimista, de modo que eu vejo os sinais, assim, nos menores detalhes. Mas eu não diria... Não, mas, honestamente, não foi uma reunião de negociação. Todos sabem que essa não é uma negociação bilateral Brasil-Estados Unidos, não é uma negociação bilateral Estados Unidos-União Européia, não é uma negociação bilateral Brasil-União Européia, ou Brasil e G-20, digamos, União Européia, é uma negociação multilateral. Então, ninguém vai dar esse sinal enquanto todos não sentarem na mesa e não chegarem à conclusão de que os outros também vão caminhar.

Agora, se você perguntar a minha opinião – mas eu não vou falar em nome dela – a minha opinião, eu tenho confiança, dentro dessa estratégia que

o presidente Lula traçou.

Presidente: Há uma coisa importante para vocês saberem. Vocês acompanham pela imprensa, e vocês percebem que cada setor fica culpando o outro setor pelo fato de não haver o acordo até agora. A França fala uma coisa, os Estados Unidos fala outra, dentro da Europa tem pessoas muito mais flexíveis e que fazem questão de deixar público que são mais flexíveis, e do nosso lado também.

Vai ter um momento em que esse disse-que-disse vai parar: ou não, ou sim. E o que eu acho que nós temos que fazer? Veja, nós não estamos fazendo um acordo para resolver o problema do comércio mundial o ano que vem, nós estamos pensando no mundo nos próximos 30 anos. Então, nós não podemos permitir que o medo que algum país possa ter, de que: “Olha, se eu fizer isso eu vou mexer com os meus agricultores, eu vou mexer com os meus empresários, eu vou mexer...”, possa prejudicar um acordo que vai ajudar a totalidade da humanidade. Ou é agora, ou nós vamos pagar um prejuízo muito grande.

Eu posso dizer para vocês, não conversei com o Celso, ainda, sobre a conversa que ele teve com a representante dos Estados Unidos, mas eu posso dizer para vocês que as duas conversas que eu tive, telefônicas, com o presidente Bush, e vou ter uma amanhã de manhã, oito e meia da manhã, é que eu senti o presidente Bush com muita vontade de chegarmos a um acordo.

Ora, então eu estou otimista de que nós poderemos chegar a um acordo. Se o problema é mais 30 dias, não tem problema, para mim não tem problema. O que eu quero é chegar a um acordo e apontar, para o mundo, perspectivas futuras melhores.

E não é só isso, é um acordo e, depois, nós temos que discutir que tipo de desenvolvimento nós queremos ajudar os países mais pobres a terem, porque os países pobres, eles não querem ficar sendo tratados como se

fossem... uma esmola aqui e outra lá, uma ajuda aqui e outra lá. Eles precisam ter possibilidade... Quando eu falo do H-Bio, falo do biodiesel, eu falo com perspectiva concreta de que os países africanos podem ter, no combustível renovável, o petróleo que eles não têm. Eles podem ter o petróleo que eles não têm. E isso, nós estamos dispostos a passar a tecnologia, fazer parceria, porque a situação, no mundo, anda muito complicada.